

Entre Livros, Livreiros e Leitores: a trajetória editorial e comercial da Guia Médica das Mães de Família

Cássia Regina da S. Rodrigues de Souza*

Resumo

Este estudo procura analisar os manuais de medicina doméstica produzidos a partir do final do século XVIII através da Guia Médica das Mães de Família publicada em 1843 pelo médico francês Jean Baptiste Alban Imbert. No Brasil do século XIX, esses manuais representaram uma das únicas formas de acesso da grande maioria da população à medicina acadêmica. A Guia Médica é direcionada à instrução das mães e gestantes e contém prescrições a serem observadas durante a gravidez, puerpério e primeira infância. Inspirada por Rosseau e por outros importantes autores de compêndios de medicina europeus do século XVIII, a obra se propõe a orientar as mães de acordo com a ciência higiênica. Assim, procuraremos investigar sua trajetória editorial e comercial a fim de estabelecer uma possível audiência da obra no Brasil do século XIX, bem como os atores envolvidos nesse empreendimento.

Palavras-chave: manuais de medicina doméstica, Guia Médica das Mães de Família, trajetória editorial e comercial.

Abstract

This study aims to analyze the domestic medicine manuals produced from late Eighteenth century, through the Guia Médica das Mães de Família, published in 1843 by the french doctor Jean Baptiste Alban Imbert. In Brazil on XIX, these manuals represented one of the access way of the most population to academic medicine. The Guia Médica is headed to instruction of mothers and pregnant women and carries prescriptions to be observed during the pregnancy, puerperium and early childhood. Inspired by Rosseau and by others important authors of european medicine compendiums from 18th century, the work proposes to guide the mothers according to hygienic science. Thus, we will seek investigate its editorial and commercial trajectory in order to establish a possible audience of the work in Brazil of the nineteenth century, as well as the actors involved in this undertaking.

Keywords: domestic medicine manuals, Guia Médica das Mães de Família, editorial and comercial trajectory.

* Mestre em História das Ciências e da Saúde pelo PPGHCS (COC/FIOCRUZ). E-mail: cassiarsrodrigues@yahoo.com.br

“Com todas estas precauções, e garantias seja-me permitido nutrir a doce esperança de que a minha Guia poderá ser de alguma utilidade para o público, e sobre tudo, ás mães de família Brasileiras, a quem tive especialmente em vista ao empreender este trabalho.”¹ É com esta declaração no prefácio da *Guia Médica das Mães de Família*² que o doutor Imbert finaliza a apresentação de sua obra, disponibilizando-a a partir de então, ao público, em especial, às suas principais destinatárias, as mães.

A *Guia Médica das Mães de Família* publicada em 1843 pelo médico francês Jean Baptiste Alban Imbert constitui uma obra pouco conhecida entre os leitores brasileiros, ainda que referenciada por importantes clássicos no século XX como *Casa Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *História Geral da Medicina Brasileira* (1977) de autoria de Lycurgo Santos Filho. Não obstante o esquecimento de nossa historiografia, a obra revela-se um material grandemente profícuo para o estudo sobre o pensamento médico no século XIX.

Intitulada como *Guia Médica das Mães de Família ou A Infância Considerada na sua Hygiene, suas Moléstias e Tratamentos*³, a obra foi publicada pela Typographia Franceza e foi inspirada por Rousseau e por importantes autores de compêndios de medicina europeus do século XVIII, tais como, Willian Buchan e Samuel Auguste Tissot⁴. Seu autor, formado pela Universidade de Montpellier, foi um dos mais antigos membros da Academia Imperial de

¹ IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Guia Médica das Mães de Família ou A Infância Considerada na sua Hygiene, suas Moléstias e Tratamentos*. Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1843, p.17;

² Curiosamente, o doutor Imbert denomina o seu manual de “a guia medica” (*Ibidem*, p.11) ao invés de “o guia” como frequentemente é empregado para se referir a um livro ou manual de instruções tal como conhecemos. Porém, como destaca Antonio de Moraes e Silva, referência mais importante da lexicografia portuguesa, tal substantivo era classificado como pertencente ao gênero feminino, mesmo que “alguns o fazem masculino”. Cf. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza Composto pelo Padre d. Rafael Bluteau, Reformado e Accrescentado por Antonio de Moraes Silva*. Tomo Segundo. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1813, p.107. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodalin02mora/page/106>;

³ É importante salientar, já nesse primeiro momento que as “mães de família” que dão nome ao manual, eram todas àquelas que, pertencentes ao círculo letrado, tinham o acesso aos benefícios oriundos da ciência higiênica e, portanto, amparadas por essa. As demais, nas quais, podemos incluir as escravas, foram representadas por duas categorias: pelas parturientes e pelas que atuavam como parteiras. Aquelas que estavam para dar à luz foram razão de apreensão do médico, por receio da perda de um bem: “As negras que acabão de parir, isto he, que acabão de aumentar o capital do seu senhor (...)” (IMBERT, 1839:257); seus partos mereciam atenção e o cuidado de seus senhores por se tratarem de uma questão econômica, que poderia envolver possíveis perdas diante de um cenário sem garantias de reposição como determinado pela lei do fim do tráfico. Já àquelas que atuavam como parteiras foram alvo de toda indignação do médico por colocarem em riscos a vida das parturientes e de seus bebês o que ocasionaria grandes prejuízos financeiros. Para mais informações sobre a relação do dr. Imbert com o sistema escravista, consultar em: IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as Enfermidades dos Negros*, 2^a ed. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1839; Disponível em: https://archive.org/stream/DELTA539211FA/BSG_DELTA53921_1FA_0001#page/n0/mode/2up;

⁴ Jean Jacques Rousseau em *Emílio, ou da Educação*, obra publicada em 1762, considerada um romance pedagógico serviu de inspiração para o doutor Imbert (1843:46) e para diversos escritores acadêmicos no que tange ao ensino da educação higiênica, sendo frequentemente mencionado nos manuais de medicina doméstica e em teses da Faculdade de Medicina. O livro aborda de forma didática diversos temas relacionados à educação que também fizeram parte das discussões da classe médica contemporânea à *Guia Médica*. Já *Domestic Medicine* de William Buchan (1785) e *Aviso ao Povo Acerca da Sua Saúde* de Samuel Auguste Tissot (1777) constituíram importantes compêndios de medicina que, abordaram entre outros temas, a educação das mães e higiene da infância. Cf. BUCHAN, William. *Medicina Doméstica*. Tomo I. Madrid: Imprensa Real, 1785. Disponível em: https://archive.org/_TISSOT, Samuel Auguste David. *Aviso ao Povo Acerca da Sua Saúde*. Tomo II, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777. Disponível em: <http://obrasraras.sibi.usp.br>;

Medicina (AIM)⁵. Segundo ele, sua principal missão era de suprir a carência dos manuais de medicina doméstica no país: “o Brasil reclama os socorros de huma medicina doméstica, sábia e prudente, na ausência e privação, bem sentidas e reconhecidas, da medicina em diploma, que até agora tem preferido concentrar-se nas grandes cidades deste vasto Império (...)”⁶. Dividida em três partes, oferecia orientações sobre a gravidez, parto, cuidados com o recém-nascido até os primeiros anos da infância, além de tratar das enfermidades mais comuns em crianças, sempre direcionados pela ciência higiênica. O livro ainda apresenta um formulário e um adendo sobre a Homeopatia. No “Formulário Medical” do manual, Imbert, reuniu uma compilação de receitas de medicações às quais, segundo ele, o paciente poderia recorrer sem nenhum embaraço e de acordo com a doença apresentada. Para tanto, as receitas observavam uma classificação científica de fácil compreensão e em linguagem vulgar.

Os manuais constituíam um tipo de literatura que, dentre seus objetivos, consistia em formar um indivíduo autônomo, capaz de aprender sozinho e sem a mediação de um especialista. Com a utilização de uma linguagem fácil e precisa, fornecia o passo a passo de uma determinada atividade. Esses compêndios, ditavam regras de higiene, as normas para um bom diálogo, as boas maneiras na hora das refeições e o vestuário da moda para os exercitados nas artes da civilidade. Dentre esses, temos os manuais voltados especificamente para a difusão da medicina entre os leigos, os chamados manuais de medicina doméstica ou popular, que eram elaborados de modo a facilitar a leitura através de uma linguagem de fácil compreensão. Apresentavam como características gerais a descrição das moléstias, bem como os conselhos e medicamentos que deveriam ser empregados em cada uma delas e sua respectiva formulação⁷. Tais publicações já eram bastante difundidas na Europa do século XVIII.

No Brasil, os manuais de medicina doméstica estavam inseridos em uma sociedade marcada por uma medicina ainda em processo de institucionalização que contracenava com diversos sujeitos que disputavam sua prática e pela escassez de médicos no grande território rural brasileiro do século XIX. Esse processo, caracterizado por uma forte heterogeneidade, foi marcado por conflitos, negociações e convivências entre os agentes de cura populares e o reduzido número de médicos, em sua maioria, portugueses e franceses. Dentre esses agentes de cura populares estavam: barbeiros, boticários, cirurgiões sangradores, curandeiros, parteiras,

⁵Embora sua curta passagem pela AIM, o doutor Imbert teve uma importante atuação no interior desse órgão e na comunidade médica de então. Participou de comissões a fim de emitir parecer sobre determinados assuntos, como foi o caso das epidemias que assolaram o Rio de Janeiro entre 1836 a 1850; foi redator do periódico *Annaes Brasilienses de Medicina* juntamente com o dr. Sigaud; por vezes, também foi referenciado por periódicos populares e especializados, ao lado de renomados médicos, alguns deles estrangeiros como o próprio Sigaud, Chernoviz, Cuissant e Coats. Suas obras, em especial o *Manual do Fazendeiro* foram colocadas ao lado de importantes manuais publicados nos séculos XVIII e XIX, tais como: *A Medicina Doméstica* de Buchan, *O Aviso ao Povo* de Tissot e o *Formulário ou Guia Médico* e o *Dicionário de Medicina Popular* de Chernoviz.

⁶ IMBERT. *Ibidem*, p.10;

⁷GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. *Civilizando as Artes de Curar. Chernoviz e os Manuais de Medicina Popular do Império*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016;

entre outros. Bruno Barreiros ⁸aponta que até as primeiras décadas do século XIX, a escassez de médicos constituía uma referência habitual nos relatórios das autoridades portuguesas o que favorecia a permanência de práticas não sancionadas pelas instituições oficiais. Nessa perspectiva, os manuais de medicina doméstica também procuravam prestar essa função: enquanto elucidavam as atribuições da ciência introduzindo noções de medicina de forma compreensível para os leigos, uniam os leitores contra o charlatanismo⁹.

Na primeira metade do século XIX, um dos graves problemas que assolavam a sociedade era a mortalidade infantil que constituía um motivo de apreensão por parte da classe médica. Na *Guia Médica*, o esculápio apresenta de forma pedagógica as orientações destinadas às mães no cuidado com os bebês e a infância de um modo geral, numa tentativa de redução dessa mortalidade. Ele declara que:

não fiz mais do que, de certo modo, reproduzir os preceitos geraes que outros escritores mais habéis têm dado muitos annos antes de mim, mas com notavel differença de que eles estão dirigidos por vistas scientificas, que não entrão realmente, senão como parte accessoria, no pensamento dominante desta *Guia*.¹⁰

Dessa forma, segundo ele, seu manual se apropriou das orientações gerais que escritores antes dele tinham proferido, porém, redigido com os preceitos mais simples e mais fáceis em sua aplicação de modo a facilitar a compreensão de leigos não iniciados na matéria médica. Isso, de fato, constituía a principal função dos manuais de medicina doméstica ou popular.

De forma semelhante a outros manuais de medicina doméstica, como Buchan e Tissot, a disposição textual da *Guia Médica* tem em comum o fato de apresentar temas divididos pedagogicamente em títulos direcionados a facilitar a interpretação do cidadão comum na ausência de um de médico¹¹. Roy Porter reitera essa classificação afirmando que essas publicações tinham o objetivo de transmitir noções de medicina e de higiene à população, tendo como base procedimentos simples, com o intuito de tornar mais acessíveis os conhecimentos para a conservação da saúde. Para Porter, a indicação de uma conduta terapêutica também é bem definida nesses manuais, e a ideia da higiene como a mola mestra da saúde ficava clara¹². O dr. Imbert adverte sobre a importância da observação dos preceitos higiênicos, como responsáveis pela saúde das cidades e pela preservação da vida humana. Tais preceitos também estiveram presentes em boa parte dos tratados médicos de finais dos XVIII e XIX e reuniam temas, tais como: a atenção ao ar, ao clima, os exercícios, a alimentação e todo o regime relativo à gravidez, ao parto, bem como os cuidados com o bebê no pós-parto¹³. Esses temas

⁸ BARREIROS, Bruno Fernandes. *Concepções do Corpo no Portugal do Século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública*. 297 f. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Patrimônio da Ciência e da Tecnologia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2014;

⁹ GUIMARÃES. *Ibidem*;

¹⁰ IMBERT. *Ibidem*, p.12;

¹¹ ABREU, Jean Luís Neves. *Nos Domínios do Corpo. O saber Médico Luso-Brasileiro no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, p.127;

¹² PORTER, Roy. *The Popularization of medicine (1650-1850)*. London: Routledge, 1992;

¹³ FERREIRA, Antônio Gomes. *Gerar, Criar, Educar: A criança no Portugal do Antigo Regime*. Coimbra: Quarteto, 2000;

também foram parte constituinte da pauta de uma agenda médica que tinha como preocupação “a profilaxia das doenças contagiosas, (...) o estudo da atmosfera, das águas, das habitações, dos hospitais, das prisões, dos portos, da alimentação, das atividades físicas e da higiene pessoal”¹⁴. Georges Vigarello resume que no século XIX, uma crescente vontade de educação popular transforma a água em um instrumento de pedagogia. Nesse contexto, a limpeza seria tanto edificadora quanto protetora¹⁵. Em suma, a ciência higiênica passou a ser a principal redatora das obras de medicina desse período.

Nesse estudo, procuro investigar os caminhos percorridos pela *Guia Médica* com o intuito de traçar uma trajetória de sua vida editorial e comercial, revelando assim uma possível audiência da obra, bem como os atores envolvidos nesse empreendimento. Para tanto, recorri a periódicos produzidos a partir da década de 1830, considerando como ponto de partida para a análise a chegada de J.B.A. Imbert ao Brasil e o período de produção de suas primeiras obras.¹⁶

Sobre a importância das fontes impressas e a escolha de um jornal como objeto de estudo, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado em *O Bravo Matutino* entendem a imprensa como:

instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.”¹⁷

¹⁴ BARRETO, Maria Renilda Nery. *A Medicina Luso-Brasileira: Instituições, Médicos, Populações Enfermas em Salvador e Lisboa (1808-1851)*. 257f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005, p.29;

¹⁵ CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo. Da Revolução à Grande Guerra*. Vol.2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008;

¹⁶A seleção dos periódicos considerou o período entre os anos de 1830 até o final do século XIX. Tal seleção foi guiada por uma busca mais ampla orientada pelo termo “Imbert”, pois, acredita-se que esse poderia abarcar um número maior de informações, não apenas no que diz respeito a obra em questão. Para tanto, os jornais selecionados são: *A Província do Mato-Grosso: periódico litterario, noticioso e dedicado aos interesses da província* (1879-1886), *A Sentinella da Monarchia* (1840-1847), *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1844-1885), *Annaes Brasiliense de Medicina* (1851-1885), *Annaes do Parlamento Brasileiro* (1826-1873), *Archivo Médico Brasileiro* (1844-1847), *Brasil. Ministério do Império: Relatório da Repartição dos Negócios do Império* (1832-1888), *Collecção de Modinhas Brasileiras* (1872), *Correio da Tarde: Jornal Commercial, Político, Litterario e Noticioso* (1855-1882), *Correio Mercantil* (1836-1849), *Correio Official* (1833-1841), *Diário de Pernambuco* (1840-1849), *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1858), *Folhinha Biographica para o anno de 1862 contendo a biografia de brasileiros illustres; muitas noticias interessantes e chronicas do anno* (1862), *Folhinha Civil e Ecclesiástica* (1836-1862), *Folhinha de Utilidade Pública* (1849), *Gazeta de Notícias* (1875-1879), *Gazeta Médica da Bahia* (1867-1905), *Jornal do Agricultor: princípios práticos de economia rural* (1879-1894), *Jornal do Commercio* (1850-1899), *Jornal do Recife* (1858-1938), *O Auxiliador da Indústria Nacional* (1833-1896), *O Campista* (1834-1891), *O Constitucional: Folha Política, Litteraria e Commercial* (1851-1864), *O Despertador* (1838-1841), *O Globo: Jornal Commercial do Maranhão* (1852-1890), *O Liberal de Pernambuco* (1852-1858), *O Mercantil* (1844-1845), *Pedro II* (1840-1889), *Publicador Maranhense* (1842-1885), *Revista Médica Brasileira* (1841-1843), *Revista Médica Fluminense* (1833-1841) e *Treze de Maio* (1845-1861). Os periódicos encontram-se disponibilizados no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>;

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p.19;

Morel & Barbosa resumem o papel da imprensa como “agente histórico que intervém nos processos e episódios, não seu mero ‘reflexo’”¹⁸. Nesse sentido, compreende-se a presença da *Guia Médica* nos jornais não apenas como sinais de sua representatividade na sociedade oitocentista, mas, como fruto de interesses diversos, como da comunidade médica, de livreiros e demais lojistas em comercializar a obra e de editores de jornais empenhados em promover sua divulgação, como foi apontado por Tania Bessone, ao indicar o uso da imprensa com fins educativos e intencionalmente disseminadora de conhecimento¹⁹.

Uma das primeiras referências à obra, nos jornais, data de um ano antes de sua publicação. No ano de 1842, a *Guia Médica* era anunciada no prelo²⁰, coluna normalmente elaborada por outros autores, que tinha o objetivo de despertar a curiosidade do leitor, deixando-o mais bem informado sobre os lançamentos. Nesse momento, o formato mais recorrente dos anúncios nesses jornais era o descrito abaixo:

Guia médica das mãis de família ou da infancia considerada na sua hygiene, com suas doenças e os respectivos tratamentos, precedida de alguns conselhos sobre alguns cuidados e precauções que reclama o estado de gravidez, seguida de um formulário medical, apropriado a natureza e objeto da obra, pelo doutor J.B.A. Imbert, cavaleiro da Ordem de Christo e autor do Manual do Fazendeiro.

Esta guia, que o autor se tem esforçado para apresentar ao alcance da inteligência das mais de família, e na qual examinou tudo o lhes pôde interessar, e principalmente para as guiar com segurança, não só relativamente a gravidez, como sobre a educação hygienica e moléstias de seus filhos, formará um volume in 8^o grande, para mais de quatrocentas páginas, cujo preço será de 3\$000réis, para subscriptores, e de 4\$000 réis para os que não forem. Subscreve-se na rua da Quitanda n^o61, na casa de Agostinho de Freitas Guimarães, rua do Sabão n^o26, e na typographia Franceza, rua S. José, n^o64.²¹

Um outro modelo também podia ser verificado:

Guia Médica popular das mãis de família, ou a infância considerada na sua hygiene [...], expostos com clareza para o entendimento de pessoas alheias à arte de curar, precedida de considerações hygienicas sobre o estado de prenhez, seguida de um formulário medical próprio às moléstias da infância pelo Dr. J.B.A. Imbert- 1 vol. De 425 páginas, encadernado.....Rs 3\$000.

Sabemos pela estatística mortuária quão considerável é o número de crianças, na primeira infância, que povoão os cemitérios. Neste livro as mãis de família

¹⁸ MOREL, Marcos; BARBOSA, Marialva. *História da Imprensa no Brasil: Metodologia*. Rede Alfredo de Carvalho. Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006, p.1. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/redealcar_inventario.htm acesso em 25/05/18;

¹⁹ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Os Livros na Imprensa: As Resenhas e a Divulgação do Conhecimento no Brasil na Segunda Metade do Século XIX. In CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e Cidadania no Império: Novos Horizontes*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007;

²⁰ Ferreira aponta que os comentários de livros recém-saídos do prelo, tinham na maioria das vezes, um teor laudatório que revelava a opinião dos editores, homens eruditos e ligados às *belas-letras* e, “inaugurariam uma tradição da imprensa brasileira, de registrar, comentar e criticar obras saídas do prelo e que fossem consideradas objetos de reflexão.” Cf. *Ibidem*, p.188;

²¹ *Diário do Rio de Janeiro*, 30/07/1842, Anno XXI, n.165, p.2;

encontrão salutareos conselhos, os quaes, sendo seguidos, contribuirão para conservar mais de uma preciosa vida.²²

Tais anúncios geralmente descreviam as obras sem especificar o número da edição ou outras particularidades. As especificações começaram a ser listadas somente quando se intencionava ressaltar o baixo preço das mercadorias²³. Porém, os anúncios mais correntes não ocupavam muito espaço no jornal. Apresentavam o título das obras e seu caráter geral, como “obras em francês”, “livros em diferentes idiomas”, “coleção de livros de medicina” ou “livros diversos”.

Inicialmente, a *Guia Médica* era apresentada nas colunas “Sahio á luz” ou “Achar-se á venda”. Sobre essa disposição dos anúncios, Maria Beatriz Nizza da Silva esclarece que essa estrutura, repetida em todos os números do periódico, agregava respectivamente aqueles publicados na Corte e os livros à venda, incluindo os importados da Metrópole²⁴. Já no final do século, a obra passou a ser publicada em colunas como “Livros baratos” ou “Livros baratíssimos”, indicando possivelmente uma maior circulação desse tipo de literatura e seu consequente barateamento²⁵.

Nos leilões, como podemos conferir no exemplo que se segue, as obras vendidas tinham suas descrições cada vez mais especializadas, com as características dos seus lotes e o nome dos antigos proprietários, como parte de uma exigência legal²⁶.

Grande leilão de livros de medicina e literatura, antiga e moderna, ricamente encadernada, e algumas gravuras coloridas, e todos em bom estado pertencentes à biblioteca do Ilm.Sr.Dr.Imbert, que se retira temporariamente desta corte para tratar de sua saúde.²⁷

Não obstante a esses anúncios que indicavam a presença da *Guia Médica* no prelo ou recém “saída á luz”, o *Diário do Rio de Janeiro* de janeiro de 1832, já mencionava uma obra de autoria de Imbert com proposta semelhante ao manual. Foi lançada um ano após a chegada do médico ao Brasil e, portanto, onze anos antes da publicação da *Guia Médica*. O conteúdo da obra não é conhecido, nem mesmo a data de sua publicação, acredita-se, porém, que a mesma

²² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Catálogo da Livraria Universal de H. Laemmert & C., 1844-1885, p.12;

²³ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Comércio de Livros: Livreiros, Livrarias e Impressos. *Escritos Cinco*. Rio de Janeiro, Ano 5, n.5, 2011, p.46;

²⁴ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Livro e Sociedade no Rio de Janeiro. *Separata da Revista de História* n°94. São Paulo, Brasil, 1973, p.443;

²⁵ O avanço da mecanização da impressão, o barateamento do papel e o crescimento do público leitor foram responsáveis por uma maior quantidade de impressos em circulação e estão entre os fatores que podem explicar a consequente queda no preço de algumas obras no final do XIX. Cf. BESSONE [et al.]. *Cultura Escrita e Circulação de Impressos no Oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2016. Em se tratando da *Guia Médica*, não foi possível durante a realização dessa pesquisa, averiguar com exatidão as razões para esse barateamento, porém, a inexistência de novas edições, o que acarretaria uma desatualização da obra, pode estar entre as possíveis causas.

²⁶ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros de História: Bibliotecas e Mercado Editorial no Século XIX. *XXIII Simpósio Nacional de História-ANPUH*, Londrina, 2005, p.12;

²⁷ *Jornal do Commercio*, 20/07/1843, Ano XVIII, n.190;

tenha sido escrita ainda em terras francesas, o que indicaria os anseios de Imbert por desenvolver a sua carreira como médico e escritor no Brasil.²⁸

Sahio á luz Conselhos ás Mães de Família, próprios á dirigi-las na educação Física e Moral de seus filhos, em Portuguez, e Francez, por J.B.A. Imbert. Esta obra he utilíssima para qualquer Sra. poder criar seus filhos. Vende-se em casa de Gueffier & Comp., rua da Quitanda, n.79 e Srs. Veigas, rua da Quitanda canto de S.Pedro, e rua dos Pescadores, n.49, preço 1\$rs;²⁹

A *Guia Médica* foi publicada pela Typographia Franceza que também constituía um dos seus locais de venda. Essa tipografia pertencia a Jean Soleil Saint-Amand e, apesar de informações escassas, sabe-se que, após sua aquisição por George Leusinger, em 1852, ela se tornou uma das tipografias mais bem equipadas do País e desempenhou um relevante papel no avanço da impressão no Brasil. Constantemente modernizada por equipamentos importados da Alemanha e dos Estados Unidos e com a contratação de artesãos qualificados, esse estabelecimento chegou a publicar na mesma década de publicação da *Guia Médica* importantes obras da literatura brasileira, tais como, os primeiros poemas de Joaquim Norberto, *Modulações Poéticas* e as duas primeiras edições de *A Moreninha*, de J.M. Macedo. Por volta do final do século, a Typographia Franceza ainda era a preferida do governo em detrimento da própria Typographia Nacional³⁰. Isso pode nos sugerir que a publicação da *Guia Médica* representasse uma promessa de sucesso nas vendas, ou ainda que a representatividade do dr. Imbert pudesse respaldar o possível êxito da obra no mercado editorial, justificando assim o interesse de tão conceituada tipografia.

Outros locais de vendas também foram listados nos jornais. Alguns eram estabelecimentos de editores consolidados no mercado, contudo, o manual também poderia ser encontrado em lojas de artigos diversos. Entre os editores, temos a loja dos Srs. Laemmert na Rua da Quitanda, n.º77. Laurence Hallewell assinala que história e ciência estavam entre os principais gêneros literários de interesse da Laemmert, entretanto, foram os manuais técnicos e os do tipo “faça você mesmo”, como de agricultura, economia doméstica e etiqueta os que provavelmente foram mais lucrativos para proprietários. Em Medicina, a Laemmert publicou o conhecido *Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Acessórias para Uso das Famílias* de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, com mais de três mil tiragens, custando cerca de 9\$000 em dois volumes em brochura. Em 1851, a obra foi novamente editada em três volumes ilustrados por 12\$000, ou 15\$000, encadernados³¹.

Os manuais mostravam-se tão lucrativos para o mercado editorial dos Laemmert que em 1865 a tipografia lançou ainda o *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular* de Theodore

²⁸ Como mencionado, a natureza da obra é desconhecida pois, não foi verificado nenhum outro anúncio que permita inferir sobre esse aspecto, tampouco a suposta obra foi localizada durante a realização dessa pesquisa;

²⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 13/01/1832, n.10, p.33;

³⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: Edusp, 2005;

³¹ *Ibidem*;

Langaard, uma obra similar a de Chernoviz.³²O jornal *Publicador Maranhense* de maio de 1868 informava que a obra encadernada de três volumes com 2.180 páginas ilustradas com cerca de 230 figuras, custava 10\$000³³.Entretanto, o jornal *O Globo* de outubro de 1877 indica uma valorização no seu preço, talvez pelo aumento na quantidade de ilustrações, que chegavam a 400. O valor dos três volumes custava 20\$000.³⁴

Em uma breve comparação com os manuais, também vendidos pela Laemmert, vemos que a *Guia Médica*, encontrada em formato *in-oitavo* por até 5\$000rs em volume brochado e 6\$000rs, encadernado³⁵, sem menção de ilustrações, o que encarecia o preço da obra, tinha o preço compatível e até valorizado em relação a outros manuais, considerando que a mesma foi publicada em apenas um único volume.

Eram também mencionados nos jornais outros pontos de venda, tais como, a casa de Agostinho de Freitas Guimarães, na Rua do Sabão n°26 e a loja de João Pedro da Veiga & Cia, na Rua da Quitanda, esquina de S. Pedro. João Pedro deu continuidade ao promissor negócio do pai, Luís Saturnino da Veiga, um dos primeiros livreiros da cidade. Martins e Luca destacam os pontos de venda de livros como significativos espaços urbanos nas cidades brasileiras. As tipografias e livrarias eram habitualmente frequentadas por redatores, leitores e até mesmo por outros consumidores, pois vendiam produtos diversos, como roupas, louças, bijuterias, perfumes, papelaria e até remédios. Esses locais tornaram-se pontos de leitura e encontro de uma camada privilegiada composta por leitores que tinham como características: “um alto nível de escolaridade, grande interesse por livros, bibliotecas pessoais e frequência amiudada a livrarias, cafés e centros formais de sociabilidade intelectual.”³⁶Sobretudo por meio da leitura coletiva, a circulação da palavra falada, manuscrita ou imprensa era efetivada³⁷.

Até pelo menos o final do século XIX podemos verificar a presença da *Guia Médica* circulando em boa parte do território nacional; seu último registro nos periódicos consta o ano de 1899.³⁸Além da Corte, a obra foi anunciada em periódicos de outras províncias ou demais localidades representadas pelos seguintes jornais: *O Liberal de Pernambuco*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife* (Pernambuco), *Treze de Maio* (Pará), *Pedro II* (Fortaleza), *O Constitucional* (Bahia), *O Globo* (Maranhão) e *A Província de Matto-Grosso* (Mato-Grosso). Tais periódicos noticiavam a obra ao lado de outros livros de medicina, sendo vendida em livrarias ou armazéns de produtos diversos.³⁹Alessandra El-Far menciona que os livros também podiam

³² *Ibidem*, p.168;

³³ *Publicador Maranhense*, 05/05/1868, Anno XXVII, p.4;

³⁴ *O Globo*, 20/10/1877, p.4;

³⁵ *Folhinha de Utilidade Pública*, 1849;

³⁶ BESSONE, Tania Maria Tavares. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro* (1870-1920). São Paulo: EDUSP, 2014, p.367;

³⁷ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.38;

³⁸ *Jornal do Recife*, 25/04/1899;

³⁹ Sobre esses pólos da imprensa, Martins e Luca esclarecem que na Corte, o jornal foi o grande disseminador de notícias, mas, em Salvador e no Recife, pontos geopolíticos e comerciais, a presença de uma imprensa remanescente

chegar a demais regiões por meio de encomendas. Ao divulgar seus títulos na imprensa, autores e livreiros davam início a uma busca por novos clientes. De acordo com a autora, algumas literaturas, principalmente as mais baratas, podem ter atingido lugares distantes e pouco populosos⁴⁰.

Apesar do alto índice de analfabetismo no País, registrado a quase 80% na metade do século XIX, o acesso aos livros, normalmente realizado por meio de “leituras frívolas” (novelas, poesias ou peças)⁴¹ não ficou limitado a esse gênero literário. Impulsionado pela Imprensa Régia, que se tornou uma aliada na publicação de livros diversos, como as gramáticas e as várias ciências, entre elas, a medicina⁴² esse acesso foi se tornando cada vez mais possível por meio da transmissão do conhecimento que não se efetuava apenas pela palavra escrita, como afirma Morel⁴³, mas, ultrapassava as fronteiras sociais, não se restringindo ao círculo dos letrados, embora esses detivessem o poder de produção. Em outras palavras, isso pode ser mais bem elucidado pela a noção de “circularidade” apontada por Carlo Ginzburg, apreendida por sua vez de Mikhail Bakhtin:

entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo⁴⁴.

Os anúncios das obras de Imbert publicados até cerca de finais do XIX podem indicar um relativo aumento do interesse por assuntos relacionados às ciências em geral. Moreira e Massarani apontam como um dos indicadores para esse aumento o crescimento no número de periódicos relacionados à ciência a partir da década de 1860⁴⁵. O consumo dessas literaturas também é constatado através do registro de obras e de bibliotecas em inventários. Além das “leituras frívolas”, era possível verificar em bibliotecas particulares a presença de literatura médica e jurídica voltada normalmente para a utilização no exercício dessas profissões. Já nas bibliotecas públicas, a frequência dos leitores tinha objetivos diversos: além da leitura de periódicos como os citados aqui, o exame de obras raras, literatura de viagens, mapas, plantas,

de momentos de crise política aguda também podia ser notada, além do Maranhão e do Pará, porém, em uma menor escala. Cf. *Ibidem*. MARTINS; LUCA, 2008;

⁴⁰ FAR, Alessandra El. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006;

⁴¹ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. As Bibliotecas Públicas Cariocas no Século XIX. *XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*, Campo Grande/MS, set/2001, p.1;

⁴² NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. Ler, Contar e Escrever: Educação e Livros no Rio de Janeiro Joanino (1808-1821). *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.60, Editora UFPR, jan/jun.2014, p.176;

⁴³ MOREL, Marco. Das Gazetas Tradicionais aos Jornais de Opinião: Metamorfoses da Imprensa Periódica do Brasil. In NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Livros e Impressos: Retratos dos Setecentos e dos Oitocentos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p.163;

⁴⁴ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.10;

⁴⁵ MOREIRA, Ildeu de Castro; Luisa Massarani. Aspectos Históricos da Divulgação Científica no Brasil. *Ciência e Público: Caminhos da Divulgação Científica no Brasil*. Rio de Janeiro, Casa da Ciência/UFRJ, 2002;

etc. O acervo de algumas dessas bibliotecas abrangia temas que nem sempre eram encontrados nas livrarias⁴⁶.

A divulgação e acesso mesmo que parcial à *Guia Médica* e às outras obras de Imbert, pode ter se dado não somente por meio das livrarias, de armazéns ou bibliotecas. Os anúncios ou notícias de jornais funcionaram como uma espécie de termômetro no que se refere às transformações ligadas ao comportamento do público leitor⁴⁷. Esses anúncios poderiam funcionar como indicadores dos interesses da clientela. Na leitura de sinopses e comentários da obra nos jornais ou ainda nas conversas informais, as ideias do médico eram ecoadas, não se reduzindo aos círculos letrados, num provável movimento de circularidade, como destacado anteriormente, sendo possível afirmar que esses periódicos foram importantes disseminadores do manual, pois não era necessário ser privilegiado socialmente para adquirir eventualmente um exemplar, cujo preço era acessível⁴⁸ até mesmo a um escravo de ganho, caso esse quisesse⁴⁹.

As mulheres, principal público leitor de Imbert, constituíam ainda uma reduzida parcela da população por volta da primeira metade do século XIX, porém, gradativamente, esse número foi se ampliando com o aumento dos níveis de escolarização. A educação no Brasil até esse século resumia-se em: ensinar aos homens ler, escrever e contar. As mulheres eram instruídas nas atividades pertinentes ao ambiente doméstico, tais como, cozinhar, lavar, costurar, etc. Até 1883 os pais não eram obrigados a dar instrução às meninas e nem o Estado a prover cadeiras, por esse motivo, elas não constavam da lista de crianças “aptas” a frequentar escolas. Porém, a educação das meninas foi muitas vezes incentivada pelo Estado por meio de abaixo-assinados e criação de cadeiras públicas destinadas ao sexo feminino. Em 19 de junho de 1883 foi promulgada a Lei 2.892⁵⁰ onde ficava estabelecido a obrigatoriedade do ensino para os meninos de 7 a 12 anos e meninas de 6 a 11 anos⁵¹. Assim, o trinômio instrução, leitura e livros estabelecia-se como elos de uma mesma cadeia.⁵²

Martyn Lyons afirma que o papel da leitora havia sido tradicionalmente o de salvaguardar os costumes, a tradição e as práticas familiares⁵³. Os temas religiosos e de economia doméstica estavam entre os preferidos do público feminino, porém, com a proliferação de jornais destinados

⁴⁶ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros de História: Bibliotecas e Mercado Editorial no Século XIX. *XXIII Simpósio Nacional de História-ANPUH*, Londrina, 2005;

⁴⁷ BESSONE, Tania Maria. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. São Paulo: EDUSP, 2014;

⁴⁸ Cerca de 40 a 80 réis o exemplar;

⁴⁹ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008;

⁵⁰ Regulamento n.100, 19/06/1883, Lei 2.892, cap.3, seção 2ª, art.63;

⁵¹ VEIGA, Cynthia Greive. *Cultura Escrita e Educação: Representações da Criança e Imaginário da Infância- Brasil, Século XIX*. In Lopes, A. (Org). *Para a Compreensão Histórica da Infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.49;

⁵² NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Ler, Contar e Escrever: Educação e Livros no Rio de Janeiro Joanino (1808-1821)*. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.60, Editora UFPR, jan/jun.2014;

⁵³ LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: Mulheres, crianças, operários. In CHARTIER, R.; CARVALHO, G. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999;

a esse público⁵⁴, verifica-se o interesse cada mais crescente por moda, literatura e temas afins.⁵⁵ Acredita-se que dentre os temas ligados à economia doméstica estavam a busca por literaturas que as auxiliassem nos cuidados relativos à saúde familiar, tal como, os oferecidos pelos manuais de medicina doméstica.

Esses manuais de medicina doméstica destinados ao público leigo buscavam empreender um diálogo direto com um leitor não iniciado na matéria médica e se inserem no gênero divulgação ou vulgarização científica, cada vez mais frequente no meio editorial a partir do século XIX. Buscando ser o “historiador popular”⁵⁶, o dr. Imbert intencionava valer-se dos benefícios proporcionados pela ciência ao longo dos tempos e colocá-los à disposição de seu público: “aproveitar-me da ciência senão n’aquillo que fosse suscetível de facilitar a inteligência da narração”⁵⁷. Por certo, traduzir os conhecimentos médicos em uma narrativa de fácil entendimento constituía o objetivo da maioria dos autores desses compêndios⁵⁸. A destinação das obras às “pessoas alheias à arte de curar” ou “estranhas”⁵⁹ representava, a ampliação do público consumidor desses manuais, numa tentativa de divulgação ou popularização dos preceitos da ciência médica.

De casa de livreiros à estabelecimentos comerciais que negociavam vários tipos de gêneros ou por meio de encomendas, levadas por vezes, por caixeiros viajantes, a *Guia Médica* circulou em boa parte do território brasileiro. Os livreiros, importantes atores nessa tarefa, ao divulgarem seus títulos na imprensa em busca de novos clientes enfatizavam: “Para qualquer ponto do Império”, atingindo lugares distantes e menos populosos. Alessandra El-Far aponta que algumas das obras caracterizadas por “gosto do povo”, que incluíam os manuais, almanaques, livros de receita, folhetos, histórias infantis, entre outros, puderam permanecer nas prateleiras das livrarias por anos ou décadas seguidas, sendo reeditadas e recebendo novos formatos, o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro⁶⁰. Novas edições e repetidas tiragens são os fatores mais evidentes que permitem dimensionar a popularização dos manuais no século XIX, como já mencionara Chernoviz em carta, relatando que em apenas três dias, tinha vendido trezentos exemplares, enviando-os para várias

⁵⁴ Para mais informações a respeito de impressos voltados para o público feminino, destaco o relevante trabalho de Constância Lima Duarte, *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil no Século XIX*. Cf. DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil (Século XIX) -Dicionário Ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

⁵⁵ MOREL, Marco. Os primeiros passos na palavra impressa. In MARTINS, A.L & LUCA, T.R. de (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008,

⁵⁶ IMBERT. *Guia Médica das Mães de Família*. op.cit., p.12;

⁵⁷ *Ibidem*;

⁵⁸ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para Fazer a Ciência e a medicina chegar ao povo nos Setecentos. *Varia História*, n.32, julho/2004;

⁵⁹ Expressões utilizadas pelo doutor Imbert para designar os leigos, não iniciados nos assuntos médicos. Cf. IMBERT. *Guia Médica das Mães de Família*. op.cit;

⁶⁰ FAR, Alessandra El. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2006;

localidades do país. O autor esperava que a venda fosse promissora, o que o obrigaria a imprimir uma segunda edição, o que de fato ocorreu. O *Formulário ou Guia Médico* teve dezenove edições em português e, pelo menos três em espanhol.⁶¹

Efetivamente, não podemos atribuir o mesmo significado à *Guia Médica* avaliando sua popularização por intermédio do número de tiragens, pois, a obra apresentou apenas uma única edição. Contudo, é possível inferir que o manual se tornou conhecido da população brasileira, obviamente de maioria letrada, por meio dos diversos anúncios frequentemente publicados até cerca de final dos XIX. Os jornais, que naquele momento traziam transcrições de longos trechos de livros ou comentários das obras, tornaram-se veículos de disseminação desses conteúdos; ou seja, mesmo quem não tinha acesso a tais livros poderia ter o conhecimento do seu conteúdo por meio das críticas feitas em colunas como “Anúncios”, “No Prelo” ou “Sahiu á luz”⁶². Patrícia Pina explica a importância desse impresso para o Brasil dos Dezenove:

Enquanto suporte de informação e cultura, o jornal pode suprir as necessidades intelectuais do leitor. Mesmo em sua fase inicial, no Brasil do século XIX, ele poderia ser lido em qualquer lugar, por uma ou por várias pessoas, poderia ser alvo de uma leitura coletiva, alcançando, assim, até mesmo receptores analfabetos-poderia ser, também, emprestado, vencendo limites, imposições e dificuldades financeiras⁶³.

Com a aproximação do final do século, fatores como: o aumento no índice de letramento, um maior número de obras em circulação, baixos preços e as estratégias de divulgação conseguiram levar o texto impresso para a vida cotidiana de uma parcela cada vez maior dessa população. Tratando-se da *Guia Médica*, desde os frequentes anúncios nos jornais que circularam nos Oitocentos até citações em importantes obras do século XX, tais como, Freyre e Santos Filho, é possível considerar que a obra tornou-se um caso bem-sucedido de divulgação da medicina doméstica e conseqüentemente de vulgarização da ciência no século XIX, pois, como dito por Bessone, os anúncios ou notícias de jornais funcionaram como uma espécie de termômetro no que se refere às transformações ligadas ao comportamento do público leitor⁶⁴. Assim sendo, tais anúncios refletiam os interesses desse público, ao passo que, permitiam a divulgação e acesso mesmo que parcial à *Guia Médica* e às outras obras de Imbert.

Todavia, devemos considerar, certamente, as interseções das expressões orais e escritas, das culturas letradas e iletradas, que não limitam a leitura a um ato individual e privado,

⁶¹FORMULÁRIO OU GUIA MÉDICO. In: BRASILIANA-A Divulgação Científica no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. Disponível <http://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=323&sid=5>. Acesso em: 27 jun.2019. Para mais informações sobre esse e outros compêndios de medicina doméstica citados nesse artigo, conferir o trabalho de Maria Regina Cotrim Guimarães *Civilizando as Artes de Curar*.

⁶² MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008;

⁶³ PINA, Patrícia Kátia. da Costa. O Jornal, o Leitor e a Leitura no Oitocentos Brasileiro. *Labirintos: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses*, Bahia: UEFS, n.8, 2010, p.8. Disponível em: http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/03_dossie_patricia_katia_da_costa_pina.pdf acesso em 12 de agosto de 2018;

⁶⁴ BESSONE, Tania Maria. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. São Paulo: EDUSP, 2014;

mas, que apresentam os ares da coletividade. De acordo com Rosemberg, a audiência bem-sucedida dos manuais de medicina doméstica tem como um dos fatores propulsores a comunicação⁶⁵. Pare ele, foi a ministração do conhecimento adquirido através das obras por meio de uma elite rural, aos seus vizinhos, familiares e dependentes impossibilitados de empregar um médico que, possivelmente tenha feito com que *Medicina Doméstica* de Buchan e *Aviso ao Povo sobre sua Saúde* de Tissot, tenham adquirido o status de livro de uso popular⁶⁶. Em nosso caso, acredita-se que a *Guia Médica* tenha ultrapassado os limites das casas da elite alfabetizada, consumidora de jornais e demais obras impressas e frequentadora de bibliotecas e livrarias. Alcançou as alcovas de mães recém paridas, as comadres entre trocas de receitas e conselhos ditados pelo doutor, as parteiras que mesclavam as prescrições médicas, as conversas entre mãe e filha na cozinha da casa grande observadas, muitas vezes, por uma ama negra, cumprindo assim, o desejo dos autores desses compêndios de medicina que esperavam que seus conselhos pudessem ser transmitidos através de todos aqueles que tivessem acesso à sua obra, isto é, propagando seus discursos, mesmo que por vias auditivas⁶⁷. Apesar de todos os limites para se aferir a audiência da *Guia Médica*, podemos considerar significativa a extensão de sua circulação ao ponderarmos sua presença nos ambientes domésticos, em livrarias e espaços de sociabilidade; foi lida e interpretada por uma coletividade que, por sua vez, tornou-se também responsável por sua propagação.

Artigo recebido em 25/02/2019 e
aprovado para publicação em 20/06/2019

⁶⁵ ROSENBERG, Charles E. *Medical Text and Social Context: Explaining William Buchan's Domestic Medicine. Bulletin of the History of Medicine*, Maryland: The Johns Hopkins University Press, v.57, 1983, p.23;

⁶⁶ PORTER, Roy. *The polarization of medicine (1650-1850)*. London: Routledge, 1992;

⁶⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Instruir para Fazer a Ciência e a Medicina Chegar ao Povo nos Setecentos. *Varia História*. Minas Gerais, n.32, julho/2004, p.1;